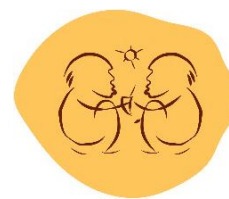


# Arte e Desenvolvimento geral da Sociedade<sup>1</sup>



Sandino Hoff<sup>2</sup>

*“A arte é uma das mais legítimas formas de conhecimento”.*  
(Érico Veríssimo, 1976, p. 7)

Este estudo analisa um texto resumido, cujos rastros do passado as inundações pós-modernas não conseguiram apagar, na pretensão de preservar os memoriais do futuro. Marx, em duas páginas, temperou arte com desenvolvimento da produção material, adicionando ao conteúdo uma pitada de metáforas. As 52 linhas originais, não são tituladas e encontram-se inseridas no livro *Zur Kritik der Politischen Ökonomie [Contribuição à Crítica da Economia Política]* (MARX/ENGELS, 1971, p. 640-642)<sup>3</sup>. Dentre os excelentes escritos marxianos, este é outro dos melhores e, até, dos mais surpreendentes.

O texto fornece escassas informações sobre o tema e indica o forte caráter da arte dos gregos, realizada independente da produção material, conforme o dizer do próprio autor:

Para certos gêneros de arte - como a epopeia, por exemplo - admite-se que, realizados em sua época, nunca poderiam produzir-se na forma clássica, à época em que a produção artística surgiu como tal. Isso é, que, internamente ao domínio da própria arte, algumas de suas manifestações importantes não são possíveis sem um estágio mais desenvolvido da arte (MARX, 1971, p. 640).

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado como capítulo de livro em FERRO, Olga dos Reis; LOPES, Zaira Andrade. (orgs.). **Educação e Cultura: lições históricas do universo pantaneiro**. Campo Grande, MS, Editora UFMS, 2013, p. 25-32.

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor aposentado da Universidade Estadual de Mato Grosso e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP.

<sup>3</sup> O leitor encontra o texto ao final do item 4, *Produção. Meios (Forças) de Produção e Relações de Produção. Relações de Produção e Relações de Circulação*.

A seguir, Marx complementa: “Se este é o caso da relação entre os diversos gêneros artísticos, internamente ao âmbito da própria arte, então, já é menos perceptível que seja o caso entre o domínio todo da arte e o desenvolvimento da sociedade” (MARX, 1971, p. 641).

O texto incita o leitor a que pense sobre o conteúdo proposto e o método utilizado na ciência da história, como quem vê novamente paisagens que voltam a ser refletidas nas águas do meio acadêmico, depois de épocas nas quais pouco foram lembradas. O autor surpreende os leitores, ao estabelecer que “certos períodos de florescimentos da arte grega, de modo nenhum, têm relação com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, portanto, com a base material, enquanto estrutura óssea dessa organização” (MARX, 1971, p. 641).

Nessa ótica, os florescimentos da escultura, pintura, arquitetura, música e, principalmente, da epopeia, não teriam nenhuma relação com o desenvolvimento da produção material ou com o desenvolvimento geral da sociedade grega. A questão gera a dúvida quanto ao método científico, criado e empregado pelo próprio autor.

É preciso tirar a limpo a dúvida, e, nesse afã, cada mente poderá exercitar seu artesanato intelectual e encontrar a chave do método, capaz de abrir as portas da verdade e de superar a dificuldade.

Marx reconhece a dificuldade, porque essa situação não traz concordância com as idéias centrais de sua teoria, cujo resumo se põe na afirmação de que o ser social dos homens determina sua consciência; como tal, determina as formas jurídicas e políticas, as artes, o direito e a teoria do estado. É o que se aprende como o mais significativo, não é? Conforme o princípio que está posto, - no processo da vida social, política e cultural, a infraestrutura, ou o modo de produção material, condiciona a superestrutura - a arte grega, enquanto processo de vida social, política e cultural, parece eximir-se dessa determinação. A dificuldade se põe porque existe, sobretudo, uma contradição que deve ser resolvida, se não se quer colocar em xeque a ação da força determinante da base material.

A questão não pode ser resolvida de forma ingênua, como alguns pensadores querem dizer, atribuindo a explicação ao entendimento de que a formação econômica das cidades-estados dos gregos antigos tinha pouca diferença com o modo de produzir que Marx via nas pequenas cidades alemãs, no início do século XIX. As duas realidades não conjuminam. A forma de produzir a vida material dos gregos estava muito longe das relações econômicas semi-feudais das cidades alemãs. Estas estavam a revolucionar-se

em transição ao capitalismo e não podiam ter sido modelo do modo de produção escravista, reinante no mundo helênico, o que soaria como um descompassado anacronismo.

À época de Marx, os alemães das pequenas cidades no interior das províncias viviam sob um regime de produção latifundiária, cujo trabalhador rural foi registrado como “**mercenarius**” - diarista, sem determinação de horas por jornada de trabalho, - nos documentos paroquiais no início do século XIX. A burguesia era impotente para exercer domínio na sociedade, mas a luta revolucionária pela união nacional, perdida para as forças conservadoras, ocorreu em 1848. Não é preciso dizer que o modo de produção dos gregos estava muito longe das relações econômicas capitalistas, aspecto acentuado por Marx em forma de questionamento ao leitor: “O que representa Júpiter ao lado dos pára-raios?” Ele adverte no esboço em análise, não ser lícito compatibilizar a “arte dos gregos [...] com a produção mecânica” (MARX, 1971, p. 641).

A dificuldade refere-se ao fenômeno que permite fazer relações de independência da superestrutura frente à infraestrutura. Isso está em desalinho com a ciência da história, conforme esclarece Barth (1974, p.148), referindo-se ao escrito marxiano:

Conforme a “base materialista” da teoria da história de Marx, toda a produção cultural depende da estrutura sempre mutável das condições de vida, sob as quais os homens produzem e reproduzem. Se, pois, - transportando a asserção ao campo da criação artística e de suas leis - deve-se conceber a conduta estética e o ideal da beleza como determinado pelas relações da produção material. Então, tem-se dificuldade em compreender a arte dos gregos independente da base material.

Não é pelo prisma do desenvolvimento das forças produtivas que se resolve a questão. Então, surgem novos conteúdos e novas relações que necessitam ser equacionados. É preciso lembrar que foram os homens livres do modo de produção escravista que produziram o “arsenal da arte grega”. Permanece, então, a dificuldade, pois, grande parte dos historiadores e educadores acostumou-se a operar o princípio de que a infraestrutura condiciona a superestrutura e nisso firmam posição, não permitindo exceção. Dizer-lhes quê? Dizer-lhes argumentos que desfaçam a dificuldade e legitimem a explicação, que foi encaminhada em poucas palavras por Marx. “A dificuldade consiste somente na concepção geral dessas contradições. Assim que se especificam, explicam-se”. (MARX, 1971, p. 641).

A especificidade que explica o florescimento da arte grega, superior ao desenvolvimento das forças produtivas, é a mitologia: “A mitologia grega, como se sabe, não somente era o arsenal da arte dos gregos, mas também seu solo alimentador” (MARX, 1971, p. 641). Nessa perspectiva, recorde-se que o gozo estético dos indivíduos, neste

período da história, se dava em termos míticos que preenchiam a universalidade do homem antigo<sup>4</sup>.

A mitologia é a especificidade que explica a aparente contradição. Marx (1971, p. 641) considera que os mitos estavam incorporados na imaginação dos indivíduos e nas relações sociais: “A concepção da natureza e das relações sociais está na origem da fantasia grega e, portanto, na arte dos gregos. Assim, a mitologia supera, domina e modela as forças da natureza na imaginação e para a imaginação”. (MARX, 1971, p. 641). O social juntou-se ao natural. A mitologia foi a terra que nutria a arte, pois, alimentava o íntimo da imaginação dos helenos. Manifesta-se, assim, a especificidade que explica as relações sociais, cujo resultado está na arte, especificamente, na epopeia. Nessa ótica, a imaginação não supre a história, mas a explica.

A arte dos gregos, ao especificar-se, também se desvela. Repete-se aqui a problemática: se a anatomia da sociedade civil é dada pela economia política, qual a anatomia da sociedade grega? Não foi a economia política. A origem e o fermento da arte grega havia sido a mitologia. A mitologia instituiu, legitimou, articulou e organizou a sociabilidade grega. Impregnou a vida e a imaginação das pessoas. Patrocinou o múltiplo, o díspar, o heterogêneo, o equilíbrio e o limite da vida social e, com sua universalidade, refrescou o calor das singularidades, das paixões e dos padrões estéticos.

A mitologia estava fundada nos deuses. Ianni (1986, p. 6) dizia que os gregos inventaram todos aqueles deuses que definitivamente eram ótimos, pois, “conviviam com as pessoas, mesclavam-se com os seres humanos, entravam na briga, amavam as mulheres e, com elas fertilizadas, geravam novos deuses”. Diferentemente do Deus hebreu, que estava distante e não falava senão pelos profetas e pelos reis, os deuses gregos “confundiam o panorama, destinavam a vida dos homens, brincavam com os indivíduos, surpreendiam as pessoas, faziam pirraças, riam-se e tomavam vinho com os mortais” (IANNI, 1986, p. 6). A imaginação foi alimentada pela mitologia que concebia as forças da natureza como divindades. Exemplo disso foram os deuses do trovão, dos raios, do mar, do vinho etc., formando, entre os gregos, um acumulado de idéias e de mentalidades, expressas em textos, exposições, versos, prosas, dramas e tragédias, - todas a humanizar as relações sociais.

---

<sup>4</sup> Marx, em várias obras, utiliza a epopeia grega, como *Prometeu Acorrentado*, de *Ésquilo*, e as divindades gregas extraídas das obras de *Shakespeare*. Também usa, como explicação, lendas medievais, como no *Dezoito Brumário* de Luís Bonaparte (Studienausgabe. *Geschichte und Politik*, IV, 1977, p. 34): “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um *Alp* o cérebro dos vivos”.

Não se tratava de uma mitologia qualquer. Enquanto terreno favorável ao florescimento da arte dos gregos, ela não poderia ter nascido numa sociedade que chegasse a um nível de desenvolvimento no qual não se verificassem relações com a natureza. Por exemplo, a egípcia: “A mitologia egípcia nunca poderia ceder o solo ou o seio materno para criar a arte grega”. Assim, de forma nenhuma, a arte grega poderia desenvolver-se numa sociedade que excluísse “toda relação mitológica com a natureza e exigisse do artista uma imaginação independente da mitologia”. (MARX, 1971, p. 641).

O autor acrescenta que a mitologia, enquanto terra alimentadora da arte, desaparece quando se chega a dominar as forças da natureza, o que acontecerá historicamente com o desenvolvimento geral da sociedade. Por isso, afirma ele, que é impossível compatibilizar a arte dos gregos com “as estradas de ferro, as locomotivas e o telégrafo elétrico”, ou, com as forças produtivas do século XIX. Marx, como quem já sugere a resposta, pergunta: “Que representa Vulcano ao lado de Roberts Cia? Júpiter, dos pára-raios? E Hermes, do crédito imobiliário”? (MARX, 1971, p. 641).

Se Aquiles não aparece em cena com a pólvora e o chumbo na mão, quais seriam os materiais da epopeia? De acordo com o texto: “A arte dos gregos pressupõe a mitologia grega, isso é, a natureza e a sociedade modelada já de uma maneira inconscientemente artística pela imaginação popular” (MARX, 1971, p. 641). Este é seu material. A universalização dos indivíduos produz-se em termos míticos, pois, para eles, a mitologia enche o ser humano de universalidade e de beleza.

O texto ensina que não é difícil compreender a questão quando se aciona o caráter universal da beleza que proporciona gozos estéticos ainda aos homens da atualidade:

O difícil não é compreender que a arte grega e a epopeia se achem ligadas a certas formas do desenvolvimento social, mas que ainda possam proporcionar-nos gozos estéticos e, em certas relações, valham como norma e modelo inacessíveis. (MARX, 1971, p. 642).

O pequeno texto de Marx, incompleto em sua redação e rico nos seus apontamentos, não se apresenta para nós como uma curiosidade cultural interessante, mas, como reflexão sobre a humanidade. Ali se diz que a arte grega ainda é um eterno atrativo para nós. Referindo-se à infância social da humanidade, na explicação, evoca, exatamente, as “condições sociais imperfeitas em que nasceu”. Essas condições estão hoje superadas pelo desenvolvimento das forças produtivas, mas possibilitam estabelecer uma forma de conhecimento do mundo helênico a quem acredita no conteúdo sucinto do romancista, que está em epígrafe: “A arte é uma das formas mais legítimas

de conhecimento”. (VERÍSSIMO, 1976, p. 7). Essas condições imperfeitas em que nasceu a arte dos gregos, não retornam mais e não se reproduzem também.

Marx (1971, p. 642), além das metáforas de “Vulcano e Roberts Cia”, etc, elabora outra: “Um homem não pode ser criança outra vez, ou será pueril”. Desenvolve-a com referência ao homem maduro e ao seu impossível retorno à infância. Torna-a compreensível, por meio de perguntas:

Ele (o homem) não se alegra com a ingenuidade de uma criança? E não deve ele próprio novamente empenhar-se em reproduzir a sua verdade em nível mais elevado? Na natureza da criança não renasce, a cada época, seu caráter próprio, em sua verdade natural? Por que a histórica infância social da humanidade, onde mais lindamente a arte se desenvolveu, sendo uma fase que não mais retornará, não deveria exercer um eterno encanto?

O homem maduro não pode voltar a ser criança, mas, pode ser sensível à ingenuidade e à criatividade da infância. Foi o que Marx almejou nos Manuscritos: um “homem rico e profundamente sensível a tudo” (MARX, 1985, p. 137). É o que outorga o eterno encanto.

A magia é que a natureza e a sociedade, modeladas já de uma maneira inconscientemente artística pela fantasia popular, foram o solo em que cresceu a arte dos gregos; e, somente nesta terra alimentadora, podia ter nascido:

O encanto de sua arte não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade em que essa arte se desenvolveu. É, ao contrário, seu resultado e se acha muito mais indissolúvelmente ligada ao fato de que as condições sociais imperfeitas em que ela nasceu e sob as quais só poderia ter nascido, não podem retornar nunca mais (MARX, 1971, p. 641).

A infância, que não retorna, e a idade madura, que se alegra com a produção da arte grega criada na infância da humanidade, são símbolos da vida dos homens e da história mundial. A despeito das radicalmente mutáveis relações de produção, que condicionam a vida cultural, a arte grega conserva a beleza e proporciona atrativos estéticos, além de ser considerada, em certos casos, como norma e modelo para nós.

Observemos o que diz Marx sob a forma de uma nova metáfora: “Há meninos não-educados e meninos envelhecidos. Muitas nações antigas pertencem a esta categoria. Os gregos eram meninos normais” (MARX, 1971, p. 641). A fantasia popular modelou a infância grega com a mitologia, como sendo a normalidade da vida. O poeta a expressa bem, quando fala da imaginação contida na arte dos gregos: “Os vários nus que a arte do passado nos legou, em vez de mulheres despidas, são deusas imaginadas” (TORGA, 1991, p. 173).

Na face da arte grega, em sua frieza da perfeição olímpica, está estampada uma parte da história dos homens e da esperança na vida, muitas vezes predestinada pelo que os deuses traçaram. A epopeia e suas artes irmãs revelam os segredos mais íntimos dos seres divinos e humanos; prenunciam os destinos, geralmente trágicos, descrevendo-os com uma profunda, digna e irremediável solidão, qual Prometeu confiscado de suas vísceras; e anunciam que o perene se põe a refrescar o efêmero e que o circunstancial anda a multicolorir o horizonte.

## Referências

BARTH, Hans. **Wahrheit und Ideologie**. Ehrlenbach-Zürich: Eugen Rentsch Verlag, 1974.

IANNI, Octávio. **A Sociedade Civil** (Texto de Aula). São Paulo: PUCSP, 1986.

MARX, Karl. **Manuscritos Economia Y Filosofia**. Madrid: Alianza Ed., 1985.

MARX, Karl. **Studiensausgabe. Geschichte und Politik**. IV. Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1977.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. [1859]. **Werke**. Berlin: Dieter Verlag. Band 13,7, 1971, p. 640-642.

TORGA, Miguel. **Diário XI**. 2.ed. Coimbra: s.ed. 1991.

VERÍSSIMO, Erico. **Solo de Clarineta II**. Porto Alegre: 1976.



*Gilberto Luiz Alves*  
INSTITUTO CULTURAL

---

[www.icgilbertoluizalves.com.br/](http://www.icgilbertoluizalves.com.br/)